

### EDUCAÇÃO.

EXERCICIOS DE COMPOSIÇÕES.

#### XI.

#### SONHO.

Durante toda a semana nada pude escrever que servisse de composição para hoje a vós ser lida, pois não só rodeado constantemente de affazeres que me tomavam todo o tempo, tenho além disso soffrido bastante em meu physico, como sem duvida tereis presenciado. Hontem á noute, porém, estava deseioso de fazer alguma composição-zinha, para que não faltasse hoje com essa leitura semanal, que de mim sempre esperaes; mas mau grado os bons desejos e os esforços que então fiz, nada pude mesmo começar. Sinti-me tão prostrado, o espirito obtuso e o corpo lasso; e impossivel foi emprehender trabalho algum.

Mal me contendo em pé, cahi na cama, e logo fui acommettido por violento somno. Dormi e dormi profundamente. Lá pela alta noute, nem eu mesmo sabia si noute era, eu vos vi a todos, que neste salão onde eu tambem estava, todos estavam. Uns eram attentiosos e alguns impertinentes; uns cuidadosamente estudavam suas lições, ao passo que outros se entretinham com puerilidades e distracções de toda a natureza; uns estavam possuidos do nobre desejo de se instruir, em quanto que outros, mal inclinados, apenas sentiam amor ao brinquedo e a travessura. Alguns prestavam toda a attenção ás explicações que seus mestres lhes faziam, e cuidadosamente e avidos buscavam a instrucção nos arcanos da sciencia; alguns outros, ao contrario, antes serviam de estorvo e vexame aos seus collegas. Aqui via um bom menino, que todo candura e de bons instinctos, se tornava de todos estimado. Ali estava um outro cheio de ambição por se illustrar, lendo, estudando e fazendo todo o esforço por conhecer e conquistar a sciencia. Acolá sentado estava um, que todo distraído e só cuidando em seus brinquedos, nenhuma attenção dava ás

explicações, nem ao seu livro. Mais além, um outro se revolvendo de um para o outro lado, estava sempre em rixas com os seus vizinhos, distrahia-os, conversava e nem um só momento deixava de importunar aos outros e de estar desassocegado e com o espirito em perpetuo desatino. Outro menino eu tambem vi, que só cuidava de corromper os seus collegas, já proferindo más palavras, já contando-lhes historias indecentes, e já convidando-os a seguir o seu máu exemplo; agora lhes fazia mil promessas lisongeiras e logo os seduzia com uma ou outra dadia que lhes fazia; umas vezes fallava-lhes mal dos mestres, outras zombava de todas as virtudes!

Outros meninos tambem vi, que ora seguiam este, ora aquelle rumo, umas vezes marchando bem na carreira dos seus deveres e outras tresloucados, estonteando de erro em erro. Emfim, na aula haviam meninos de todas as condições, de moral bem differentes, de differentes educações, principios, genios e ambições.

Eu a todos contemplava e ia estudando os seus instinctos. A todos segui de perto, observando as suas acções e notando os passos que na sua carreira davam. A alguns perdi de vista em pouco tempo, porque, em breve se sumiram d'ella, mas a outros acompanhei um longo espaço, e seus successos tenho presente na memoria.

De todos vos fallarei em uma outra occasião, pois que hoje não hei tempo.

Continuando a narrar-vos o que eu sonhava ha oito dias, não serei tão minucioso como aliás desejava; pois continuo cercado de difficuldades que me mingoam o tempo.

Antes de continuar, acho proprio repetir-vos aqui aquellas tão expressivas e significantes palavras do Divino Mestre, que se leem no capitulo 13 versiculo 12 do Evangelho de S. Matheus: « Por que ao que tem se lhe dará e terá em abundancia; mas ao que não tem, até o que tem lhe será tirado. » Assim dice o Redemptor do mundo aos seus Apostolos, quando tratava de explicar-lhes a parabola do sementeiro, e assim proferiu

uma sentença, cuja execução é infallível, como divinos forão todos os seus dictos.

Foi o cumprimento d'ella, que no meu sonho eu vi bem manifesto.

Os meninos que tinham merecimentos, mais ainda lhes foram dados e chegaram a tel-os em abundancia; em quanto que aquelles que nenhuns tinham, até esses que pareciam terlhes foram negados.

Os que prestavam toda a attenção ás explicações, que seus mestres lhes faziam, e cuidadosamente e avidos buscavam a instrucção nos arcanos da sciencia, não só comprehenderam o que se lhes explicava, não só encontraram essa instrucção que desejavam, mas ainda se tornaram elles mesmos senhores da explicação, e adquiriram maior numero de conhecimentos, e tiveram sciencia em abundancia.

Aquelles que, ao contrario, antes serviam de estorvo e vexame aos seus collegas, baldos de virtudes e de bons instinctos, se tornaram desprezíveis e aborrecidos de todos; e cada dia mais abandonados e miseráveis.

O menino bom, e cheio de caudura, e bem inclinado, constantemente ia sendo mais e mais estimado. O que cheio de ambição por illustrar-se, lia, estudava e fazia todo o esforço por conhecer e conquistar a sciencia, tornou-se illustre, sabio e grande. O que só cuidava de brinquedos e nem dava attenção ás explicações, nem ao livro, ficou ignorante, e teve de viver sempre em uma condição baixa e desrespeitado. O menino impertinente que com todos contendia, e vivia distraído dos seus deveres e com o espirito em perpetuo desatino, continuando a ser molesto á sociedade, teve de soffrer grandes contrariedades, grandes difficuldades, e muitas privações, e viver sempre em grande atrazo.

Aquelle que fazia timbre em corromper os seus collegas, proferindo palavras más e contando historias indecentes, desejando que elles seguissem o seu mau exemplo, seduzindo-o com promessas lisongeiras, falando em desabono de seus mestres, e zombando de todas as virtudes, a este vi eu, odiado, praguejado, zombado e entregue ao escarneo e á desesperação; oh! eu o vi entregue ao mais vil desprezo e acre censura; eu o vi lutando, ora com a miseria, ora com os horrores da depravação; eu o vi agonizante entre os acicates da indigencia e os aguilhões da abominação. Elle se revolvia no tremedal dos vicios; e os outros homens

fugiam até do ar que o circumdava, porque o tinham como empestado e contaminoso.

Oh! que dor, oh! que angustia então soffri!... Os meus cabellos se erriçaram, fiquei transido; um pezadello enorme opprimiu-me o coração; quiz rogar por elle, quiz pedir commiseração para elle aos homens, e senti-me suffocado, a minha lingua não pôde articular uma só palavra. Quiz estender-lhe a minha mão, quiz arrancal-o do lodaçal em que se chafurdava, e a minha mão não pôde erguer-se, e os meus membros pareceram petrificados. Cada vez mais anciado, comecei a arquejar, fazendo esforços para reaver as minhas faculdades, afim de ver si o arrancava d'aquella abjecção em que o via; baldado esforço, mais regellado e inerte me senti. Meus olhos então conseguiram erguer-se aos céus, e quando do fundo da alma começava uma prece a Deus, acórdo. Foi então que vi que tudo aquillo era sonho; eu suava e me sentia fatigado. Dobrei meus joelhos sobre o leito, e dei graças ao Bom e Misericordioso Ser Supremo, por ter apenas sido um sonho tantas misérias baixadas sobre um meu semelhante; e então fiz votos e humildes supplicas para impetrar da sua clemencia divina, prosperidade, engrandecimento e mil venturas para todos vós, para o proximo em geral.

E agora que narrado vos fica já meu sonho, e que o Pae Celeste nos tem concedido marchar sãos e salvos pelos caminhos da vida, e que nos tem sempre facultado os meios de illustrarmos o nosso espirito, de melhorarmos a nossa condição, nos protege, e protege aos nossos paes: ergamo-nos; ergamos nossas vozes em canticos e orações á Mansão da Divindade; rendamos ao Todo Poderoso o nosso humilde tributo de veneração e devoção a Elle devido, como nosso Creador, Autor, e Regedor do Universo. Resemos.

C. Y. 31 de janeiro de 1857.

## Colonisação.

### SEGUNDA CARTA.

Na minha primeira carta, estorcei-me por mostrar-lhe, meu Dr., quanto nos foi funesta a importação dos africanos; é natural que V. me pergunte como encaro a exportação forçada delles, para irem formar uma nova Liberia, por exemplo.



Não sei dar-lhe prompta resposta. Si tivessemos capacidade para estabelecermos uma colonia de africanos livres sobre as mesmas bases da colonia americana da Liberia, conseguiriamos arrancar o paiz de cima d'esse volcão que á cada momento ameaça tragal-o. Mas qual, si nós nem temos capacidade para instituirmos uma eschola normal de agricultura?

Mas, dada mesmo a possibilidade de levar ao cabo empresa tão gigantesca, á que braços ficaria entregue a lavoura? \* aos brasileiros? á essa chusma de vadios que com o nome de *agregados* infectam as roças e os pomares do pobre fazendeiro? Mas esses não trabalham; elles bem sabem onde pega o carro do seu arrendatario; elles bem sabem que valem votos, que são agentes auxiliares das eleições, atomos quasi imperceptiveis, sim, mas atomos componentes do corpo politico de sua aldeia. E qual será o eleitor que quererá perder esses votos seguros, obrigando os vagabundos á pegarem da enxada?

Eis ali, *my dear!*, porque eu, si fosse deputado, votava sem mais discussão pela reforma eleitoral que tanto atrapalha os quadros dos circulos. Essa reforma vai ter muito alcance na questão da colonisação; porquanto, tirando o candidato da *apadrinhagem* immediata e sem recurso dos fazendeiros, contribuem de algum modo, indirectamente já é alguma coisa, para fazel-os depender menos dos *agregados*.

Enão se diga que a questão fica no mesmo pé, porque a reforma eleitoral não boie com os eleitores. Não fica, não senhor, e sinão, vejão. Os circulos como estão, fazem do deputado o procurador nato dos interesses pessoas do eleitor, de maneira que será melhor deputado aquelle que com mais frequencia e instancia cortejar a tarda do governo. Assim, o eleitor precisa do deputado para negocios urgentes, quero dizer, de interesse individual; são dois compadres, são duas entidades muito ligadas, intimamente soldadas. Ora, a lei que desmanchar este conchavo, vem dar mais independencia ao deputado, e por isso desafiar menos o appetite de ser eleitor; o que significa que vem desinfecar as fazendas da peste dos *agregados*.

Volto, porem, ao assumpto principal; deixe esta *queu-de-renard* por minha conta, e supponha, por hypothese, que estão na camera ouvindo as minhas *transições* oratorias.

A existencia da escravatura é um mal; não

\* Os africanos livres e que se forem libertando, não são os que fazem a nossa lavoura. F.

ha, porem, remedio prompto e efficaz para extirpal-o. Resignação no caso, e tratemos dos meios de restituir os braços que perdeu a lavoura com a cessação do trafico.

O primeiro cuidado do governo seria remover das cidades para os campos os escravos que ali vivem perturbando a ordem publica, vadiando e fornecendo ao estrangeiro documentos vivos das nossas miserias. § Povoavam-se os campos, abastecia-se a lavoura de bons milhares de trabalhadores, aos quaes se imprimiriam os habitos do trabalho. Eis as grandes vantagens d'aquelle tentamen.

Mas isto não basta. A mortalidade dos escravos está em grandissima desproporção com o nascimento; com e correr dos tempos, a raça negra vai se cruzando com a branca; e, por fim de contas, o trabalho escravo é excessivamente dispendioso com relação aos lucros. Portanto, além de inconveniente, dentro de poucas dezenas de annos, deixará de existir a colonisação escrava.

Qual outra deverá substituil-a? *Hoc opus, hic labor!* Aqui dividem-se, partem-se e dispartem-se as opiniões. Uns querem colonos chins, chamam outros os colonos allemães, preferem outros os suissos; mas os suissos não, os italianos; qual, italianos? venham os africanos que játem provado. *Tot capita, quot sententio!*

Não leve em linha de conta estes latino-ri-s, meu caro Dr., deixe-os passar que são inoffensivos. Quem aprendeu latim em sete annos, como se aprendia latim no Caraças, difficilmente lhe esquecem essas enxurradas classicas. Mas não me pegue por ali para gritar pedantismo; pois o ultimo texto sacrosanto não é de Cicero nem de Virgilio, é da sublime aguia de Meaux, do grande Bossuet. Ainda se aprendem estas coisas? não se decora mais a *Arte Poetica* na classe de rhetorica? Sombrias dos Quintilianos, dos Varios, dos Blairs e dos *Mestrinhos!* Como se ensina e como se aprende hoje a divina eloquencia, a nobre arte oratoria!

Não pense V. que estou divagando, Snr. Dr.; não: sia mocidade dos campos fosse mais instruida, si soubesse um pouco daquelle ode de Horacio que começa:

Beatus ille, qui procul negotiis,  
Ut prisca gens mortalium,  
Paterna rura bobus exercet suis,  
Solutus omni foenore!

estava meio resolvido o problema da coloni-

§ E mais que isso! uzurpando á gente livre e pobre um sem numero de industrias, que com tal competencia não pode exercer. F.

sação. Acredite, é o que falta. O povo da roça ainda não se compenetrou de que é nelles que reside a vitalidade da nação; que a cidade pode dar-lhe os circences, mas em troca do pane que elle levar-lhe ao mercado.

Mas, voltando ao ponto capital d'esta epistola, até o proximo correio. Para V. não pensar que o *furor scribendi* (especie de frenesi ainda não descripto nos *Vade-mecums* pathologicos) chegue á algum *post-scriptum*, sereno-lhe os temores com este abençoado ponto final.

Todo seu  
Luiz.

### A minha velhice.

Da calma e da apathia se aproxima  
A gélida estação! Eis bate á porta  
Da prudencia, e do tédio a triste idade.  
O sulco dos pezares vivas sombras  
Já na fronte desenham; de meus olhos  
Os lumes quasi extinctos  
Os umbraes da velhice estou transpondo;  
Por toda a parte sôa-me o rebate  
Dos estragos do tempo; vaç se alluindo  
De subito em mim tudo;  
— Excepto o coração.

O bello sexo, quando eu fôr expulso  
A' manhã do combate, e nas fileiras  
Ai! dos invalidos cedendo o posto  
A' geração que agora principia  
Sem expressão teus olhos me lançares,  
E dos encantos teus me achar privado;  
Quando me fallecer d'amor na fragoa  
Emoção grata á responder as minhas,  
E teu meigo sorriso buscar outros,  
Os meus porém mais nunca;  
Quando da mocidade o prazer louco,  
De novos vencedores a embriaguez  
Insultar-me a miseria despiédosa,  
O que me restará para abrandar-me  
Este peso da vida?

Por um sorrir apenas devotar-me  
E ser escarnecido!  
Volver-me ao arido passado, e nada  
Avistar que prazeres rememorem;  
Lembrar que o leve murmurar das ondas,  
A solidão, perfumes, harmonias,  
A natureza em tudo augura amores,  
E que mentiras foram suas promessas!...  
Ai! para sempre o coração quebrado,  
Cobrir-se-ha de luto!

Outros porém demandam novos nortes;  
Inda ficar-lhes-hão as alegrias  
Do lar domestico, da gloria os louros,  
Emoções do Poder, o poder do ouro.  
Oh! para mim toda a esperanza é frivola!

Ai! Morrer é a suprema f'licidade.  
Morrer quando semearam desventuras

Sob nossos passos, e vagueamos tímidos  
Qual lastimosa sombra de finado  
No tumulto da vida!  
Morrer quando nos chega a seva idade  
Do tédio e eterno adeus  
As illusões fagueiras!

D. M.

### A vingança d'um frando.

(Continuado de p. 115.)

«Já tinhamos andado mais de tres legoas.  
Paramos para descansar debaixo d'uma arvore, um pouco distante da estrada. Prendi os cavallos em um tronco temendo saltal-os.  
«Eram quasi tres horas da madrugada. Dulce extenuada adormeceu em meus braços. Fiquei só.

«Então pensei no que havia feito, porque o que eu praticára fôra quasi sem pensar.

«Critica era a minha posição. Se não fôra o amor de Dulce, a paixão cega que me prendia a ella, eu houvera desanimado. Esqueci, porem, o que eu fizera para somente pensar em o nosso amor. Eu amava-a agora mais do que nunca, porque completo era o seu sacrificio. Contemplei-a adormecida, orgulhei-me da minha felicidade. Beijei-lhe os cabellos soltos, bebi-lhe avidamente o seu respirar puro. Aquella dedicação cega; aquelle impulso do coração que a levára a seguir a um desconhecido porque o amava; as recordações das nossas noites de delirio—tudo isso me embriagava! Houve momentos em que eu tive vontade de acordal-a para dizer-lhe bem do fundo d'alma: Dulce—eu te amo muito!..

«Mas detive-me. Occasiões ha em que o homem carece de reconcentrar-se, de medir a extensão da idéa que o domina. Esta idéa, quanto a mim, era a paixão que eu sentia: queria-a immensa para dá-la toda a Dulce.

«Mas, derepente, senti um suor frio percorrer-me o corpo, uma nuvem passou-me pelos olhos, depois, o corpo cansado, enfraquecido pela falta de alimentos e pelos combates do espirito cedeu, e eu adormeci beijando os cabellos de Dulce.

«Quando me acordei Dulce ainda dormia. O crepusculo da manhã já se desenhava no céo. Cumpria, pois, continuarmos a nossa viagem.

«Ao levantar-me—qual não foi o meu espanto encontrando ao pé de mim uma carta e um pequeno embrulho de papel?..

«Não tive outra idéa senão atirar-me á carta para lê-la. Estava aberta e escripta com lapis; as letras eram tremidas, mão segura não era decerto a que traçara. Devorei-a n'um instante. O que me produziu a sua leitura fora difficil dizel-o, era um mysterio. Eis aqui o seu conteúdo:

«Um homem, Sr. Henrique, que vos segue como a vossa propria sombra é quem vos escreve, certo que haveis de seguir o seu conselho. Da vossa existencia depende tambem a minha existencia; ainda mais: ha no meu coração uma fibra deradeira que ainda o alenta, e essa está presa á vossa vida. Não sabeis quem eu sou, comtudo tempo virá em que me haveis de conhecer. Não sou um impostor. A vossa sorte estava entre as minhas mãos: podia perder-vos ou salvar-vos perder-vos indo vos denunciar á policia como raptor de donzellas: salvar-vos calando-me e vindo em vosso auxilio. Preferi salvar-vos, porque, sou franco, tambem me salvava a mim.

«Cumpre, portanto, obdecer ao que vos vou dizer: Não continuareis a vossa viagem: primeiramente porque sem dinheiro ninguem viaja, o amor alimenta o coração, porem não alimenta o corpo; em segundo lugar porque quem rapta uma moça precisa occultal-a e vós não sabeis para onde dirigir os passos. Voltareis, pois, para a cidade. Durante o dia, visto que elle vos é perigoso, esconder-vos-heis nessa casa que vos está proxima. E' a moradia de um mendigo que vive ás esmollas dos viandantes. Acha-la-heis deshabitada, porem, comtudo quanto haveis myster. A' noite, nas approximações da cidade, um vulto vos sahirá ao encontro dizendo: Siga-me —E' um marinheiro. Elle vos conduzirá á bordo d'uma embarcação que parte para Pernambuco... Boa viagem e bons amores...

«Junto encontrareis uma quantia de dinheiro. Esta, e as que posteriormente vos forem entregues podeis-las aceitar sem repugnancia porque sua origem é honrada.

«Em Pernambuco, como em qualquer outra parte eu vos seguirei como a vossa propria sombra.»

«Acceitei o conselho,—que havia eu de fazer?—Quando atirado por um naufragio em meio das ondas encrespadas vos offerecem um braço para salvar-vos, porventura perguntaes a quem elle pertence? A' vista da-

quellas cavas profundas das ondas que similham outras tantas sepulturas abertas, vasiaes a espera d'um cadaver —acaso perguntaes quem é que vos suspende sobre ellas, quem vos lança na praia salvadora? Não: só procuraes a salvação... eu tambem queria salvar o meu amor.—

«Acceitei o conselho; e á noite voltamos para a cidade. A carta não era uma impostura: o marinheiro nos conduziu a bordo de um navio, e o capitão nos recebeu cortezmente.

«No dia seguinte o navio largou velas. Eu e Dulce dissemos um adeos a essa cidade que nos relembra tantas horas de felicidade, e tambem muitas lagrimas de dôr...

«No mar sente-se mais amor de que em terra. Parece que a morte passando e repassando mais frequentemente por diante dos olhos faz com que a alma se ligue mais intimamente ao ente amado. Em terra vosso amor será extremoso, porém no mar elle não terá limites. Parece que a immensidade do Oceano, e cujas orlas tocando na immensidade do espaço, faz o coração crescer e sentir mais fortemente.

«A nossa viagem foi bella... mas tambem foi o ultimo crepusculo da nossa felicidade!.. Haviamos esquecido que um brado de vingança pesava sobre mim e outro de maldicção sobre Dulce!... Quem me escrevera aquella carta não era decerto um homem que me queria salvar... queria antes me levar ao inferno atirando flores sobre o caminho da vida!...

«Serei breve agora. O criminoso pode descrever a sangue os passos que o levou a perdição, porque cada passo é um crime e cada crime gloria para o seu nome... Elle pôde atravessar riudo-se, as torturas do inferno, porque sua alma nunca sentio um remorso... Rival de satan, elle pode collocar-se ante seu throno e narrar-lhe com soberba, a sua historia de crimes...

«Eu não—que me arrependi de haver usurpado um direito do Creador...

«Seis mezes somente!... Quem pensaria que em tão curto espaço uma paixão immensa se esgotasse, se extinguisse para dar lugar ao vicio?... Mas silencio coração!.. Della só te resta... a recordação d'um crime!...



O choque foi tamanho que o amor seccou-se pela raiz e morreo!...

«Uma noite sahi de casa para hir ao theatro. Dulce não quizera me acompanhar, preferira ficar para ler um romance. Beijei-a na frente e sahi.

«Ao entrar na cidade, pois que moravamos nos arrebalde, enxerguei em certa distancia, um vulto que passeava embuçado. Não sei porque me lembrei do individuo que me soccorrera quando raptei Dulce; não sei porque senti o coração oppresso... Não era medo, eu estava armado de um punhal; era um sentir sem nome, confuso, mas que me esfriou o sangue nas veias...

«Comtudo continuei. O lugar era tão escuro que tornava impossivel reconhecer-se um homem. Quando fronteava, o passeante embuçado avançou para mim e disse: Volta para casa a esta hora a tua amante te atraiçoa.

«Subi a escada como um raio. Uma porta se abriu e Dulce appareceu pallida como um cadaver.

«—Infame!.. rugi eu, tu me atraiçoaste!..

«Um homem aproveitou este momento para se evadir. Atirou-se pela porta que ficára aberta e desapareceu. Dulce déra um grito d'espanto ao ver aquelle homem sair. Este homem estava mascarado.

«—Infame!.. tu me atraiçoaste!..

«Agarrei-a pelos cabellos e conduzi-a ao interior da casa.

«—Infame!.. rugi pela terceira vez, ter me atraiçoado!..

«Enterrei o punhal.

«—Não me mates, Henrique...

«O vicio é muito covarde... Enterrei-lhe o punhal no peito...

(Continua.)

## A virgem de ferro.

Polybio refere que Nabis, tyranno de Sparta, morto no anno 192 antes de Jesus Christo, mandára construir uma especie de machina, da fórma de uma estatua de mulher, ricamente vestida, á qual se procurára dar alguma similhaça com sua esposa a rainha Apega. Nabis convidava á sua casa ricos cidadãos e pedia-lhes grossas sommas de dinheiro para acudir ás despezas da religião e outras. Si

estes lhe respondiam negativamente, dizia-lhes então: «Vejo que não tenho asoz de eloquencia para vos persuadir: espero, porém, que minha esposa seja mais feliz do que eu.» Depois, a um signal seu, via-se apparecer a estatua sentada. O tyranno offerencia-lhe a mão; ella erguia-se, e travando do hospede renitente, cingia-o com os braços contra o peito. Ora debaixo dos vestidos estavam escondidos agudissimos ferros: por consequencia o infeliz, ou promettia immediatamente entregar o que lhe pedissem, ou em breve perecia victima do horrivel abraço.

Um sabio inglez, o Snr. Pearsall de Wilsbridge, persuadido de que a pratica desta invenção do feroz grego não escaparia á imaginação cruel da Idade-Media, guiado por vagas informações e esclarecimentos, dedicou-se a procurar a moderna Apega.

Primeiro designaram-lhe o castello de Ræningstein, cerca de Frankfort, como o lugar em que deveria achar um destes singulares monumentos de supplicio, depois uma torre na muralha de Moguncia e finalmente varias outras fortalezas no Rheno. Visitou tudo com o mais escrupuloso cuidado e nada encontrou.

O laborioso investigador consultou então os homens instruidos e alguns jurisconsultos: uns e outros riram-se da sua credulidade e lhe pediram que se não mettesse seriamente em investigar cousas que não passavam de ser historias da *carochinha*.

Meio convencido e desanimado, o Snr. Pearsall deparou por acaso em um livro, publicado em Nuremberg, no anno de 1792, com uma noticia muito explicita e muito circumstanciada da existencia de uma machina similhante a do monarcha spartano, construida em 1533 e que o auctor affirmava existir naquella cidade.

Correu a Nuremberg e de feito não só ali encontrou vestigios da *virgem de ferro*, mas tambem lhe declararam que esta machina, com outras que existiam no seu arsenal, tinham sido conduzidas n'um carro, por occasião da invasão dos francezes, ignorando se, porém, onde paravam.

Finalmente, apoz muitas deligencias infructuosas, o incançavel inglez foi deparar no castello do barão de Diedrich com a *virgem de ferro*, que havia tanto tempo procurava.

A fórma exterior da estatua é a de uma burgueza de Nuremberg no seculo 16.º, e compõe-se de barras e circulos de ferro cobertos de folha de ferro pintada. Abre-se a machina pela frente, por meio de dous pos-

tiguinhos, que giram sobre gonzos collocados dos lados. Interiormente, na altura da cabeça, tem dous ferros quadrangulares, na do peito direito, treze, e na do esquerdo, oito; os primeiros eram sem duvida destinados a cegar a victima.

Diz-se que existem machinas semelhantes no castello de Ambrass, cêrca de Inspruck, no castello real de Berlin e no castello de Schwerin.

Segundo a opinião do mesmo sabio, e informações que obteve, parece que fôra a inquisição de Hespanha que primeiro empregara na Europa moderna uma horrivel machina de tortura igual, a que o *santo tribunal* dava o nome de *Mater dolorosa*. Da Hespanha julga-se igualmente que fôra importada na Allemanha, no reinado do imperador Carlos V.

### MOSAICO.

No dia da demissão do abade Terrai foi tambem apeado do poder o chanceller Manceon. Succedeu ser esse dia (24 de Agosto de 1774) anniversario da matança de Saint-Barthelemy, e como já haviam sido demittidos M. d'Aiguillon e M. de Boynes, não faltou quem dicesse que «era um Saint-Barthelemy de ministros.»—«Ao menos dice o conde de Aranda, não é uma matança de innocentes.»

O marquez de Favières, que muito gostava de pedir emprestado e nunca pagar, foi um dia ter com o banqueiro Samuel Bernard e dice-lhe: «Senhór, ides ficar admirado; sou o marquez de Favières, não vos conheço e venho pedir-vos emprestado 500 luizes.»—«Meu caro, respondeu-lhe Bernard, mais vos haveis de admirar: conheço-vos baustante e vou emprestar-vo-los.»

Perguntando-se um dia a Crebillon, porque em suas tragedias adoptara o terrivel, «Não tinha a escolher, respondeu elle: Cornielle tomou conta do céu, Racine da terra, restava-me o inferno: lancei-me n'elle em corpo e alma.»

Um actor pedindo ao seu empresario que lhe pagasse o que lhe devia, accrescentou que se achava em estado de morrer de fome. O empresario vendo-o gordo e corado, respondeu-lhe que o seu semblante desmentia as

suas palavras. «Ah! não faça caso disso, dice-lhe o actor, este semblante não é meu, devo-o á minha estalajadeira, que ha muito tempo me sustenta fiado.»

Daniel O' Connell recebia por cada correio um enorme masso de cartas, escriptas por pessoas que, desejando uma resposta não tinham outro fim senão arranjarem um autographo do grande homem. Um dia o celebre orador aborrecido de ver os seus instantes mais preciosos absorvidos em semelhante correspondencia, tomou a penna e respondeu a um d'esses importunos: «Senhór, bem sei que me escrevestes para ter o meu autographo. Será baldado insistirdes, porque estou dicidido a não vos dar esse gosto.—De O' Connell.» Foi esta carta enviada ao seu destino sem que o grande Irlandez pensasse que acabava de conceder aquillo que tão firme recusára.

O famoso João Bart levado a Versailles pelo cavalleiro de Forbin, fumava socegadamente no seu cachimbo encostado á uma janella. Dice-lhe Luiz 14: «João Bart, acabo de nomear-te chefe de esquadra.»—«Fizestes bem, sire, respondeu o maritimo tomando de novo o seu cachimbo.» Excitando esta resposta uma rizada geral entre os cortezaes que achavam-na tão absurda quanto brutal: «Enganae-vos, senhores, dice-lhes gravemente Luiz 14, esta resposta é a de um homem que sabe quanto vale e que conta dar-me bem depressa maiores provas disso.» Os acontecimentos futuros justificaram a predicção do rei.

Voltaire dice depois de ter lido a obra de M... sobre a alma dos animaes irracionaes: «o auctor é um excellente cidadão, porém não está bem instruido na historia do seu paiz.»

«Queria, dizia a Piron um dia certo escriptor mediocre, compor uma obra em que ninguém tenha ainda pensado nem pense.»—«Escrevei o vosso elogio, respondeu-lhe Piron.»

Um d'esses sujeitos que dizem conhecer a meio mundo encontrou nma occasião M. Luiz de Narbonne e dice-lhe: «Bons dias, meu amigo, como passas?»—«Bem: e tu, meu amigo, como te chamas?»

## O ROMANCE DE UM MOÇO RICO.

*(Continuado da pag. 116.)*

D. FRAN.—Sim, minha senhora: e pôde V.<sup>a</sup> Ex.<sup>a</sup> avaliar como sou feliz em recebê-la aqui.... porque.... si V.<sup>a</sup> Ex.<sup>a</sup> esqueceu-se dos seus desdens, a Viscondessa Maria d'Avila lembrar-se-ha talvez da paixão terna e respeitosa que fez brotar em mim a sra. D. Maria da Silva....

MAR.—É mesmo por lembrar-me dessa paixão que me admiro de achar-me aqui... em vossa casa....

D. FRAN.—E entretanto eis-vos aqui, senhora!

MAR.—E foi meu marido que me conduziu á esta casa? que aqui me deixou só?—Não, não! é impossível!

D. FRAN.—Impossível! e porquê?—julga V.<sup>a</sup> Ex.<sup>a</sup> que elle suspeita da violenta paixão que V.<sup>a</sup> Ex.<sup>a</sup> me inspirou?

MAR.—Senhor!

D. FRAN.—Acredita V.<sup>a</sup> Ex.<sup>a</sup> que elle tenha comprehendido quanto invejo este thesouro perdido para mim?

MAR.—Emmudecei, emmudecei, senhor!

D. FRAN.—Que elle suspeite, si quer, que para reaver esse thesouro nenhum sacrificio pouparia?—que daria de bom grado a minha fortuna.... o meu sangue.... a minha vida.... *(Approximando-se de Maria)*.

MAR.—*(Com energia)*. E vossa honra tambem, senhor?

D. FRAN.—*(Depois de pequena pausa)*. E.... minha honra tambem, senhora!

MAR.—*(Soltando um grito)*. Ah!

D. FRAN.—Acalmae-vos, senhora.... ser amada, adorada, é o sonho de toda a mulher....

MAR.—*(Correndo para a porta)*. Fernando, Fernando, meu Fernando!... Tu has de voltar, tu me salvarás!

D. FRAN.—Voltar!... *(Com riso sarcástico)*. Como ha de voltar, si nunca elle aqui veiu, senhora?

MAR.—Então não foi elle que me acompanhou?...

D. FRAN.—Pois elle havia de conservar-se silencioso, quando V.<sup>a</sup> Ex.<sup>a</sup> o interrogou com uma voz tão doce?... ficar mudo, quando V.<sup>a</sup> Ex.<sup>a</sup> lhe dice:—Fernando, porque não me fallas? O que te fiz eu para cair no teu desagrado? eu que tanto te amo, Fernando?...

MAR.—Oh! estou perdida, perdida para sempre!

D. FRAN.—Perdida, sim, si V.<sup>a</sup> Ex.<sup>a</sup> se mostrar insensível ao meu amor... Perdida, si de novo me repellir—a mim, que posso salvá-la, si o quizer! Fernando ignora o que aconteceu á V.<sup>a</sup> Ex.<sup>a</sup> e com quem V.<sup>a</sup> Ex.<sup>a</sup> sahio do baile.... *(Com toda a ternura)*. E uma palavra vossa, Maria, pôde obrigarme a conduzir-vos de novo a esse baile, a restituir-vos a vosso marido, antes mesmo que elle tenha concebido a mais leve suspeita.... Uma palavra só—e eu salvarei vossa reputação, e serei o mais terno, o mais submisso e o mais discreto dos amantes, Maria...

MAR.—*(Com força)*. Abra esta porta, senhor!.. deixe-me passar!

D. FRAN.—Sim: V.<sup>a</sup> Ex.<sup>a</sup> ha de partir, si consentir em amar-me, si consentir em pertencer-me!

MAR.—Mas é a vergonha... a desesperação... a morte, emfim, que o senhor me propõe!

D. FRAN.—A vergonha maculará vosso nome, si me obrigades a reter-vos nesta casa!.. a desesperação ha de acabrunhar-vos porque sois a causadora de vossas proprias desgraças e das desse Fernando que me preferis!.

MAR.—Fernando!. Elle!.. hade accusar-me!. ha de julgar-me criminosa!.. *(Com voz supplicante)*. Sr. D. Francisco, não é mais por mim que eu peço... não é mais por mim que eu choro... não é mais por mim que eu imploro compaixão.... porque eu—repelli vosso amor e quereis vingar-vos deshonrando-me!... É por elle!.. ah! compadecei-vos delle, senhor!... Matae-me embora, mas que eu morra só! Não me deshonreis, porque elle morrerá tambem!

D. FRAN.—*(Com frieza)*. Jurci, senhora, que V.<sup>a</sup> Ex.<sup>a</sup> me pertenceria.

MAR.—*(Levanta-se, percorre a scena com a vista e corre á janella, da qual quer precipitar-se: D. Francisco conserva-se quêdo)*. Meu Deus, meu Deus, nem matar-me posso!

D. FRAN.—*(Approximando-se lentamente della)*. Ah! como V.<sup>a</sup> Ex.<sup>a</sup> está bella assim, senhora!... e eu—eu sou capaz de disputá-la agora ao mundo inteiro!

MAR.—*(Tremula cahindo em uma cadeira)*. Meu Deus, compadecei-vos de mim!..

D. FRAN.—*(Com effusão)*. Maria! eu amo-a, amo-a loucamente!

MAR.—Meu Deus! onde está vossa justiça?..

FERN.—*(Fôra)*. Está aqui! está aqui por força! Deixae-me entrar! já vos dice?..



MAR.—(*Levantando-se, com o rosto radiante, tremula de emoção, solta um grito e aponta para a porta sem poder fallar*). Ah!

D. FRAN.—Que tens, Maria?!

MAR.—E a voz de Fernando! é a voz del-le! estou salva!.

### SCENA 3.ª

*Os mesmos, Fernando, a Condessa, o Conde e mais pessoas.*

D. FRAN.—Fernando aqui! Quem me atraioaria?.

MAR.—Ah! foi Deus que te mandou, Fernando! para me arrancares desta casa!., vens....

FERN.—Venho castigar a tua traição mulher infame! venho vingar a minha honra!.

MAR.—(*No auge da desesperação*). Ah! julga-me criminosa! meu Deus!

FERN.—Não me esperavas tão cêdo!.. porque essa mulher cujo braço deixaste no meu devia occultar por mais tempo a tua fuga e a minha vergonha!—não é assim?..

MAR.—Não me accuses, Fernando.... mata-me antes!.

FERN.—Sim: hasde morrer! (*Desembanha a espada*).

Todos.—Suspendei!

FERN.—Suspende o meu braço?... Eu! que fui tão vilmente atraioado por esta mulher!... Não! arredae-vos, arredae-vos todos!. deixae-me lavar a minha deshonra no sangue desta perjura! arredae-vos!

CONDES.—Fernando....

COND.—Meu irmão....

FERN.—Não sou vosso irmão! não tenho familia!. sou um homem ultrajado, atraioado, que só quer vingar-se!

D. FRAN.—(*Avançando*). Aqui estou eu... saciae em mim a vossa sêde de vingança....

FERN.—Oh!.. tu!.. hei de vingar-me de ti!.. mas depois de sua morte!.. de ti que me roubaste a honra e com ella a vida! Com esta espada hei de atravessar-lhe o coração!.. e a ti—cuspir-te nas faces! (*Avança para D. Francisco e dá-lhe com a mão no rosto*).

D. FRAN.—(*Levando a mão á espada com que tambem está, conservando-se, assim como Fernando, ainda á fantasia*). Em guarda!

FERN.—Sim: sejas tu o primeiro!. (*Cruzam as espadas*).

MAR.—(*De joelhos*). Senhor, Senhor, fazei justiça!

D. FRAN.—(*Soltando um grito*). Ah! (*Cahe*).

N.º 15.

COND. e CONDES.—(*Chegando á porta*). Socorro! socorro! (*Entram varios creados que prestam socorros a D. Francisco*).

FERN.—Agora é a tua vez, desgraçada!

MAR.—(*Ainda de joelhos*). Fêre... mas lembra-te que te amo e te perdôo!..

FERN.—Perdôas, miseravel!.. (*Adianta-se para Maria, ergue a espada e deixa-a cahir das mãos*). Oh! cobarde que eu sou!—amo-a ainda! e cada vez mais! (*Cahe em uma cadeira debulhado em pranto e occulta o rosto nas mãos*).

MAR.—(*Levantando-se e correndo para elle*). Amas-me ainda, Fernando!

CONDES.—(*Tomando-lhe o passo*). Mas vós maculastes a honra de nossa familia!—Entrae, senhor, e cumpri com o vosso dever. (*Faz um signal, entra um official de policia que se aproxima de Maria*).

MAR.—(*Soltando um grito doloroso*). Ah! (*Cahe sem sentidos*).

FIM DO ACTO SEGUNDO E DO QUADRO TERCEIRO.

## Acto terceiro.

### QUADRO QUARTO.

Sala livre na casa da Cordoaria, na Junqueira.

### SCENA 1.ª

*Guardas, depois Maria.*

1.º GUAR.—As reclusas já estão no pateo?

2.º GUAR.—Falta só a do n.º 5.

1.º GUAR.—É necessario que ella saia para a revista. (*Vae á porta da direita que terá o n.º 5 e abre-a*). Não sahe?—Não responde: estará dormindo! (*Põe a cabeça para dentro do quarto*). Não: está chorando.

2.º GUAR.—Pois ainda chora?

1.º GUAR.—Sim: é incrível! Depois de tres dias quasi todas ellas costumam-se á sua sorte: e ha dez que esta está aqui e ainda chora.—Olá, senhora! (*Para dentro*).

MAR.—(*Sahindo do quarto*). Que quer commigo, senhor?... Elle já veio?... já me mandou chamar?.

1.º GUAR.—Elle, quem?—Aqui não veiu ninguem procurá-la.

MAR.—(*Pesarosa*). Ninguem?..

1.º GUAR.—São horas da revista e a senhora deve ir juntar-se ás outras suas companheiras.

MAR.—Não: fico.

1.º GUAR.—(Com severidade). Não pôde ser: as ordens são muito restrictas e o regulamento da casa não exceptua ninguém.

MAR.—Desculpem, senhores... (Os guardas exitam por instantes e depois sahem). Esqueço-me sempre de que estou neste lugar, e por mais tratos que dê á imaginação não posso atinar com o motivo porque me encerraram aquí.... Foi sem duvida um laço que me armaram... e esse miseravel D. Francisco muito deve ter contribuido para que me precipitassem neste abysmo.... Mas será elle o unico autor deste trama infernal?.. Quaes serão seus cúmplices?—Que importa! si a victima sou eu, e Fernando tambem que me julga criminosa! Pois uma mulher, nos braços de seu marido, rodeada de sua familia, n'um baile, pôde ser assim roubada á liberdade, sem causa real, sem soccorro possivel?... e em menos de uma hora vêr-se infamada e deshonorada? Perco-me em conjecturas... minha cabeça desvaira.... Mas eu sou innocente! e a minha innocencia me dará forças e coragem..

1.º GUAR.—(Tornando a entrar). Vamos, senhora. (Maria sahe). A sua tristeza causa-me pena e não sei porque interesse-me por ella.

### SCENA 2.ª

1.º Guarda, Graça e Simões.

SIM.—É ao sr. Inspector que temos a honra de fallar?

1.º GUAR.—Não, senhores; eu.... sou um dos guardas.

SIM.—Cubra-se, sr. Inspector.

GRA.—(Baixo, a Simões). Olha que não é o Inspector.

SIM.—Esta é boa! (Idem, a Graça).

GRA.—(Idem). E a dar-lhe!...

SIM.—(Idem). Deixa chamá-lo Inspector, já que não posso chamá-lo ministro..

1.º GUAR.—Mas, em summa, o que querem os senhores?

GRA.—Queremos vêr uma senhora, que foi recolhida...

SIM.—(Atalhando) ...Ha dez dias á esta casa...

1.º GUAR.—V.ªs S.ªs trazem a competente licença?

GRA.—(Embaraçado). Licença!... (A' parte) faltava mais esta!

1.º GUAR.—Sim: uma licença.

SIM.—(A' parte). Si a trouxesse, animal, chamar-te-hia carcereiro.

1.º GUAR.—Então não respondem?

GRA.—Não, senhor...

1.º GUAR.—Neste caso...

SIM.—Contamos com a sua bondade, sr. Inspector. Diceram-nos que V.ª S.ª é um homem bemfazejo, affavel...

1.º GUAR.—Quizera servi-los, mas repito que não governo esta casa.

SIM.—(Baixo). Não queres ser Inspector, pois has de ser ajudante. (Apontando para Graça). Este senhor, meu patrão, desejava fallar á V.ª S.ª, sr. ajudante...

1.º GUAR.—Tambem não sou ajudante.

SIM.—Mas V.ª S.ª que tem umas maneiras tão agradaveis ha de ser alguma cousa na ordem das cousas, e meu patrão, que sabe avaliar o merito, pede á V.ª S.ª haja de aceitar este dinheiro...

GRA.—Eu! estás doudo, homegn?

SIM.—(Baixo, á Graça). Patrão, dê-lhe o dinheiro....

GRA.—Para reparti-lo com os guardas da sra. Viscondessa. (Dá-lhe uma bolsa).

1.º GUAR.—O n.º 5?—o guarda desta senhora sou eu. (A' parte). Não percamos a pechincha, porque nem sempre apparecem paos como este!..

SIM.—Pois bem: offereça este dinheiro a esse guarda.

1.º GUAR.—A' vista de tão generoso offerecimento permitto que vejam essa senhora.. Mas não se demorem muito.

SIM.—Muito obrigado.

1.º GUAR.—Mas diga-me primeiro como puderam entrar sem licença?

SIM.—Empregamos o mesmo meio de que nos servimos agora, com outro ajudante ou Inspector que encontrámos á porta e que pucha o cordão da campainha só quando lhe faz conta.

1.º GUAR.—(Mettendo o dinheiro na algibeira). Que tratante!.. deixou-se peitar!...

SIM.—Perdôe-lhe esse peccado, porque Deus ha de perdoar os seus.

MAR.—(Fóra). Deixem-me, deixem-me!

1.º GUAR.—Que gritos serão estes? (Chegando ao fundo). E ella! ah!—Não se demorem mais de dez minutos para não entornarem o caldo. (Sahe).

### SCENA 3.ª

Maria, Graça e Simões.

MAR.—(Entra muito agitada e vae cahir sobre uma cadeira que estará collocada junto á uma mesa: chora copiosamente). Basta de tanta vergonha, de tantos soffrimentos, meu Deus! O que fiz eu para merecer tamanho



castigo?—Criminosa, tenho sido assaz punida: innocente!... ah! meu Deus!...

SIM.—(*Baixo, a Graça*). Ande, patrão, falle-lhe.

GRA.—(*Baixo*). Sim, sim. (*Alto*). Senhora... senhora D. Maria...

MAR.—(*Voltando-se*). Quem me chama? quem sois?

GRA.—Quem somos?

SIM.—Somos nós, senhora.

GRA.—V.<sup>a</sup> Ex.<sup>a</sup> não nos conhece mais?

MAR.—Conheço, sim: mas o que vos traz aqui? Sois nuncios de novas desgraças?

GRA.—Deus nos livre disso!

SIM.—(*Baixo*). Coitada! achará pouco as que tem soffrido?..

GRA.—(*Atrapalhado*). Si viemos aqui, senhora, foi porque Simões... (*Baixo*). Falle-lhe, Simões, falle-lhe... que eu não sei o que lhe diga...

SIM.—Vã feito: quando o marido de V.<sup>a</sup> Ex.<sup>a</sup> a procurou no baile fui eu que lhe disse onde e com quem V.<sup>a</sup> Ex.<sup>a</sup> estava...

MAR.—O senhor!.

SIM.—Eu mesmo, sim, minha senhora... mas sem intenção de prejudicar á V.<sup>a</sup> Ex.<sup>a</sup>, já se sabe. Depois de pensar muito tempo cheguei á esta conclusão: ou ella é innocente ou criminosa; si é innocente, seu marido a salvará; si é criminosa—matá-la-ha....

MAR.—Pensastes muito bem, senhor....

SIM.—Então V.<sup>a</sup> Ex.<sup>a</sup> agradece-me o que fiz?

MAR.—Sim, porque com quanto esteja aqui, com quanto elle me accuse, Fernando salvou-me das mãos desse homem... da deshonra!

SIM.—(*Baixo*). Olhe: elle já a tinha nas garras! heim?... (*Alto*). Não me farto de dizer que V.<sup>a</sup> Ex.<sup>a</sup> não foi criminosa...

MAR.—Não! nunca o fui! porque si o fosse deixaria de viver!

SIM.—A' vista do quê, dice ao patrão:—Eu sou um simples escrevente de cartorio, que não faz vasa em parte alguma, mas o senhor é um tabellião publico e por sua idade merece muita consideração: sou um pinga, mas o senhor tem bastante chelpa: não sou dos mais estupidos, é verdade, e o senhor é um...

GRA.—Um o quê?

SIM.—Grande homem!—está sabido. Por tanto ponhamos tudo isso á disposição dessa senhora e salvemo-la, já que ella é infeliz, mas não criminosa. O patrão accitou a proposta: trouxe seus titulos, a bolsa recheiada, e eu.... (*bate com a mão na testa*)

muita perspicacia e a melhor boa vontade em ser util á V.<sup>a</sup> Ex.<sup>a</sup> (*A Graça embasbacado*). Então, patrão, não acha que dei conta do recado e que

De um tal pae tal filho se esperava?

(*A' parte*). Menos essa!

GRA.—O rapaz deu no vinte!

MAR.—Obrigada, meus senhores: mas que podereis fazer em meu favor? Tudo me accusa e fallecem-me os meios de defender-me. Sim! porque não me resta nem o seu amor, nem a sua ternura. Ah! si elle pudesse avaliar quanto soffro, quanto soffro!.. condoer-se-hia de mim!.

GRA.—Seu marido, minha senhora, soffre tanto ou mais que V.<sup>a</sup> Ex.<sup>a</sup>...

MAR.—(*Levantando-se*). Oh! fallae-me, fallae-me delle, que não vejo ha dez dias tão crucis para mim!

GRA.—Si seu marido, minha senhora, não vem vê-la, é porque vive constantemente vigiado. Depois daquella noite fatal elle tem chorado muito: e sempre que o encontro... ouço pronunciar o nome de V.<sup>a</sup> Ex.<sup>a</sup> de uma maneira tal que sinto minha alma despedaçar-se... (*Chora*).

MAR.—(*Alegrando-se momentaneamente e cahindo depois na tristeza habitual*). Fernando chora por mim? lastima-me? tem pena de mim?...—Mas de que serve, si me julga criminosa! Conheço o seu coração e sei que ha de morrer! Ah! si me fosse licito vê-lo, fallar-lhe! si pudesse dizer-lhe, uma vez ao menos:—Amo-te, Fernando, meu generoso marido!..—morreria resignada a seus pés!

SIM.—(*Chorando e com força*). E haveis de vê-lo, senhora! mas não morrer, isso nunca!

MAR.—Vã esperanza!

SIM.—Haveis de fallar-lhe, apesar dos inimigos que o cercam, porque nós o traremos á esta casa! E quando elle tiver visto á V.<sup>a</sup> Ex.<sup>a</sup>, que ha dez dias estava tão bem disposta e hoje está tão pallida, tão acabada... quando elle ouvir á V.<sup>a</sup> Ex.<sup>a</sup>, como nós acabamos de ouvi-la.... quando suas lagrymas correrem, como correram a pouco... aposto o meu officio de tabellião publico em Villa-Pouca d'Aguiar, a mão da minha noiva e até a cabeça de meu sogro, si não cahir a seus pés e não arrancar V.<sup>a</sup> Ex.<sup>a</sup> desta amaldiçoada casa!

GRA.—Tens razão: vamos fallar ao sr. Visconde.

MAR.—Ah! quanto vos deverei, meus bemfeitores, meus anjos tutelares!...

SIM.—Cale-se, senhora, que sinto passos. *(Vendo entrar a Condessa e o Conde, à parte)*. Já tardavam!...

SCENA 4.<sup>a</sup>

*Os mesmos, a Condessa, o Conde e o 1.º Guarda.*

CONDES.—O que fazem os senhores aqui?

GRA.—Nós, sra. Condessa... viemos... sim... viemos... *(Baixo, a Simões)*. Fala Simões... forte cousa! nunca dizes nada!...

COND.—Então não respondem?

SIM.—Viemos como V.<sup>a</sup> Ex.<sup>a</sup>, sra. Condessa, consolar esta pobre senhora...

CONDES.—Trouxeram licença da autoridade competente?

1.º GUAR.—*(Confuso)*. Não, senhora...

CONDES.—Espero que semelhante procedimento não se reproduza: retire-se!

COND.—*(Ao guarda)*. E que d'ora em diante o senhor cumpra melhor os seus deveres.

1.º GUAR.—Prometto, senhor, não consentir que ninguém falle mais á esta senhora. *(Designa Maria)*.

CONDES.—Ninguém: ouviu?..

SIM.—*(Baixo)*. Menos o marido. Vamos buscá-lo, patrão. *(Sahem com o 1.º guarda)*.

SCENA 5.<sup>a</sup>

*Maria, a Condessa e o Conde.*

CONDES.—Eis-nos sós, senhora!

MAR.—*(A' parte)*. Oh! enchuguemos estas lagrymas e mostremo-nos forte e resoluta! *(Alto e com força)*. Não me direis o que vos trouxe aqui?

CONDES.—A compaixão...

MAR.—*(Com desprezo)*. A compaixão, senhora? Regeito-a é só exijo justiça!

COND.—Sempre orgulhosa!

CONDES.—Sempre altiva!

MAR.—E porque me hei de humilhar?... por me perseguirdes?—Por ventura a vossa perseguição me avilta?

CONDES.—Julgae-vos então innocente?

MAR.—*(Travando-lhe da mão)*. Prestae ouvidos á vossa consciencia, si tendes consciencia: encarae-me fitamente, senhora, e dizei, sem receio de errar, si me julgaeis criminosa!

CONDES.—Parece-me quê....

MAR.—Oh! não hesiteis? respondei!..

CONDES.—Estareis porventura no caso de interrogar-me?

MAR.—E porque não, senhora? Porque é que o vosso olhar desvia-se do meu? por que tremeis? porque empallideceis? Olhae para mim fito, senhora: vêde como estou calma! Si os meus juizes aqui estivessem talvez vos supposessem a verdadeira culpada!

CONDES.—É muita ousadia!—Lembrae-vos que assim como soube mandar recolher-vos á esta casa, saberei conservar-vos nella o tempo que me aprouver!...

COND.—Defensor da honra de meu irmão e da de toda minha familia, vim procurar-vos para...

MAR.—Para proclamar a minha innocencia, não é verdade?...

CONDES.—A vossa innocencia!

MAR.—Para desmascarar os infames que me perseguem!—não é assim?

CONDES.—Calae-vos, senhora!

MAR.—Não receeis que eu queira saber o nome dos cúmplices....

COND.—O que vim propôr-vos, senhora, é o seguinte. Não foi só o escandalo e a vergonha que deshonraram a nossa familia!...

MAR.—O que mais foi?

CONDES.—Foi o vosso casamento.

MAR.—O meu casamento!

CONDES.—E como deveis estar cansada de soffrer e de chorar, como naturalmente desejareis sahir deste lugar de opprobrio, accetae a nossa proposta..

MAR.—A vossa proposta?—e que proposta é essa?

CONDES.—O divorcio.

MAR.—O divorcio!—Acceitando-o, reconhecer-me-hia criminosa, o que louvado Deus não sou!

CONDES.—Repellindo-o, regeitaes a vossa liberdade.

MAR.—Não quero a liberdade por tal preço, senhora!

COND.—Já sabiamos que repelliríeis o nosso offerecimento.

CONDES.—O tempo vos fará mudar de linguagem.

MAR.—Nunca! nunca!

*(Continúa.)*